

## Contemplando a Dizimação do Antropoceno: Uma História Não Natural Sobre o Sexto Evento de Extinção em Massa

Francisco Junior Simões Calaça<sup>1</sup>

Book Review:

Elizabeth Kolbert. *A Sexta Extinção: Uma história não natural*  
(Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015).

Não é fácil nos lembrarmos de quando foi a primeira vez que ouvimos falar sobre espécies desaparecendo da face da Terra, exceto pelos icônicos dinossauros, que aprendemos desde cedo que foram extintos quando um meteoro de mais de 10km de diâmetro caiu com uma finalidade terrena na região da península de Yucatán no, hoje, México, há cerca de 66 milhões de anos. Mais difícil ainda é ter a recordação, na condição de leigos em relação à Ciência, sobre as aparvalhadas aves dodô, brutalmente caçadas e extintas no século XVII. De fato, para citar a jornalista e autora de divulgação científica, vencedora do Prêmio Pulitzer de não ficção de 2015, Elizabeth Kolbert: “A extinção talvez seja a primeira ideia científica com a qual as crianças de hoje em dia precisam lidar”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Doutorado em andamento em Recursos Naturais do Cerrado pela Universidade Estadual de Goiás, campus Anápolis de Ciências Exatas e Tecnológicas, UEG/CCET. Mestrado em Ciências Ambientais pela Universidade de Brasília, UnB, Faculdade UnB de Planaltina, Brasil.

<sup>2</sup> Elizabeth Kolbert, *A Sexta Extinção – uma história não natural*. (Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2015), 32

A *Sexta Extinção: uma história não natural*, traz uma compilação clara sobre o impacto que a espécie humana tem causado na dinâmica natural do planeta Terra, alterando o ciclo natural de vários processos biogeoquímicos, bem como na conversão exarcebada das paisagens naturais, refletindo em usos exaustivos do solo. Todos estes impactos, somados ao crescimento da população humana, das emissões de gases potenciadores do efeito estufa bem como inúmeros outros processos não naturais, tem imerso o planeta no que muitos especialistas mencionam como um novo período geológico da Terra, o Antropoceno<sup>3</sup>. Elizabeth Kolbert apresenta, com clareza e linguagem acessível, o impacto que temos causado na espécies globalmente. A extinção é um fato que basicamente surgiu na Terra juntamente com a vida, por mais paradoxal que possa parecer. De todas as formas de vida que o planeta já abrigou, pelo menos 90% já não existem, nem mesmo seus sinais no registro fóssil<sup>4</sup>. Em cada um dos treze capítulos do livro, Kolbert “rastrea uma espécie que é de algum modo emblemática” e nos faz pensar primeiramente sobre os cinco grandes eventos naturais de extinção pelos quais o planeta já passou, depois sobre o que uma única espécie, que surgiu há cerca de 200 mil anos, é capaz de fazer a partir do momento em que compreende sua própria existência e se coloca acima de todas as demais espécies do planeta. A segunda parte do livro, transcorre em fatos do presente, apresentando exemplos de espécies que estão sofrendo com as mudanças climáticas ou fragmentação de habitats, eventos que mostram-se cada vez mais severos.

Kolbert apresenta-nos o fato irrefutável do aumento nas taxas de extinção de espécies, informação corroborada por trabalhos contemporâneos à publicação do livro. Essas taxas estão tão elevadas que as espécies extintas no século passado levariam, dependendo do táxon e, de forma extremamente conservadora, entre 800 a 10,000 anos para serem extintas por vias naturais<sup>5</sup>. Infelizmente, juntamente com estas espécies, inúmeros serviços ecossistêmicos essenciais para a homeostase do planeta são perdidos também.

---

<sup>3</sup> Simon L Lewis & Mark A. Maslin, “Defining the Anthropocene”. *Nature*, 519: 171-180, 2015.

<sup>4</sup> Norman Myers, *The Sinking Ark: a new look at the problem of disappearing species*. (Oxford, United Kingdom: Pergamon Press. 1979).

<sup>5</sup> Gerardo Ceballos et al. “Accelerated modern human-induced species losses: Entering the sixth mass extinction”. *Science Advances*, 1(5): e1400253, 2015.

Kolbert nos faz refletir sobre o fato de explorarmos o meio ambiente para satisfazer nossa demanda por diversos produtos naturais ou derivados dos recursos naturais. Como destacado pela autora, a destruição em massa das florestas tropicais, como a Amazônia, e áreas temperadas do globo é uma das grandes ameaças que levamos a vasta biodiversidade que vive nestas regiões. Essa destruição, como mostra inúmeros trabalhos científicos, tem alterado a dinâmica das comunidades naturais. Em termos mais claros, as espécies perdem seu hábitat, no qual evoluíram e se adaptaram, para um ambiente novo, hostil e que tampouco oferece as condições necessárias para sua sobrevivência, quem pode, busca outros locais para viver, quem não pode, compra o bilhete para a extinção. Neste caso, como Darwin deixou registrado, apenas os mais aptos sobreviverão.

A autora traz exemplos de espécies que, em pouco tempo, deixaremos de ver na natureza, como a rã-dourada-do-panamá (*Atelopus zeteki* Dunn, Amphibia: Bufonidae), atualmente em perigo crítico, de acordo com a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas de Extinção, da União Internacional para Conservação da Natureza. Esta espécie está desaparecendo devido a perda do seu hábitat e pela quitridiomycose causada pelo fungo *Batrachochytrium dendrobatidis* Longcore, Pessier & D.K. Nichols (Fungi: Chytridiomycota). O aumento da taxa de infecção dos anfíbios por este fungo, como mostra Elizabeth Kolbert, se deve principalmente às perdas dos habitats naturais desses animais devido ao uso indiscriminado que temos feito das paisagens, convertendo-as em verdadeiros desertos estéreis.

Como mostra a autora, um dia, quando menos esperarmos, esta espécie desaparecerá, assim como aconteceu ao rinoceronte branco, que desapareceu para sempre ou o estúpido pássaro dodô, cujo crime de viver milhões de anos em isolamento pacífico, o deixaram despreparado para o comportamento inconstante e profundamente agressivo dos seres humanos<sup>6</sup>. A *Sexta Extinção: uma história não natural* é, sem dúvida, uma leitura que resume toda a ideia que o Antropoceno traz, como um momento único onde uma simples espécie pensante parece ser capaz de alterar todo um sistema. É importante destacar que essas estimativas revelam uma

---

<sup>6</sup> Bill Bryson. *Breve história de quase tudo*. (São Paulo: Companhia das Letras, 2005).

perda excepcionalmente rápida de biodiversidade nos últimos séculos, indicando que uma sexta extinção em massa já está em andamento. Conhecer essa história não natural pode ser uma boa alternativa para mudarmos imediatamente nossos hábitos e nossa percepção do mundo e nos perguntar *até onde estaríamos dispostos a ir para salvar as espécies?*

Como apresentado no último capítulo, por enquanto, estamos seguros, em termos de população, mas, para citar a observação que a autora faz sobre um cartaz no Salão da Biodiversidade do Museu Americano de História Natural, “ao pressionar outras espécies para a extinção, a humanidade está serrando o galho sobre o qual está sentada”. Enquanto contemplamos calados a dizimação não natural da vida no planeta, caminhamos mais rapidamente rumo ao fim que, no final, toda forma de vida terá. Citando o emblemático ponto de vista da autora sobre o fato de que “agora mesmo, neste momento incrível que para nós significa o presente, estamos decidindo, sem de fato o desejarmos, quais trilhas evolutivas permanecerão abertas e quais serão fechadas para sempre. Nenhuma criatura jamais foi capaz disso, e esse será, infelizmente, nosso legado mais duradouro”.

## REFERÊNCIAS

- Bill Bryson, *Breve história de quase tudo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005).
- Gerado Ceballos et al., “Accelerated modern human-induced species losses: Entering the sixth mass extinction” *Science Advances*, 1(5): e1400253, 2015.
- Elizabeth Kolbert, *A Sexta Extinção: uma história não natural*. (Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2015).
- Norman Myers, *The Sinking Ark: A new look at the problem of disappearing species* (Oxford, United Kingdom: Pergamon Press, 1979).
- Simon L Lewis & Mark A. Maslin, “Defining the Anthropocene”. *Nature*, 519: 171-180, 2015.

Recibido: 07/10/2018  
Aprobado: 12/11/2018